

# ISRG Journal of Arts, Humanities and Social Sciences (ISRGJAHSS)



**ISRG PUBLISHERS**

Abbreviated Key Title: ISRG J Arts Humanit Soc Sci

**ISSN: 2583-7672 (Online)**

Journal homepage: <https://isrgpublishers.com/isrgjahss>

Volume – II Issue-IV (July – August) 2024

Frequency: Bimonthly



## A DIGNIDADE HUMANA A LUZ DO PENSAMENTO EDITH STEIN

Martinho Borromeu<sup>1\*</sup>, Nicolau Borromeu, Marciana Almedia Soares<sup>2</sup>, Natalino da Costa<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Pós – Doutorado em Filosofia linha de pesquisa ontologia e epistemologia pela Pontificia Universidade Católica do Paraná – Brasil e atual Decano da Faculdade de Filosofia Ciências Humanas da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

<sup>2</sup> Doutorandos em Filosofia linha de pesquisa ontologia e epistemologia pela Pontificia Universidade Católica do Paraná – Brasil.

<sup>3</sup> Mestrando em Filosofia linha de pesquisa ontologia e epistemologia pela Pontificia Universidade Católica do Paraná – Brasil.

| **Received:** 21.08.2024 | **Accepted:** 25.08.2024 | **Published:** 27.08.2024

**\*Corresponding author:** Martinho Borromeu

Pós – Doutorado em Filosofia linha de pesquisa ontologia e epistemologia pela Pontificia Universidade Católica do Paraná – Brasil e atual Decano da Faculdade de Filosofia Ciências Humanas da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

### Abstract

*This article will address Edith Stein's interests in relation to the microcosm of man, whether as a material, living, animated or spiritual body, as well as in his social, historical, community and cultural position. For Edith Stein, only through this set of interrelated and exclusive instances, each with its own particularities and yet dependent on the others. The phenomenological study of the SELF presented by the author, in the search for the Divine, for awareness of "character", in the experience of each part of one's own being, in experience, in empathy, where through philosophical anthropology Edith Stein conceives everyone as living beings, with man as a microcosm.*

**Keywords:** Anthropology, philosophy, man, microcosm, metaphysics.

### INTRODUCTION

Não seria possível compreender o frutífero tratamento dispensado por Edith Stein à mulher, sem um devido conhecimento da sua visão antropológica. Edith Stein não pode ser referida como Antropóloga no sentido das ciências da Antropologia. Stein é expoente da Antropologia de caráter filosófico e sua busca se firma no fato de compreender a essência humana, ou seja, considerar o

humano numa perspectiva ontológica. Nas particularidades, o Homem/Mulher se impõe, antes, o humano.

O especificamente humano, que permite olhar o homem em sua constituição homem/mulher para Edith Stein, é objeto da ciência chamada Antropologia. No entanto, diferente da História e das ciências afins, a Antropologia que a ela interessa é uma ciência

universal do espírito, ciência do homem considerado, inclusive, como pessoa espiritual, parte de uma ampla ciência do espírito, que tem por objeto a estrutura de todas as formas desde as espirituais, aquelas de comunidade, de estado, da língua, do direito etc. Cabe à Antropologia investigar o humano, não como categoria abstrata, mas como afirmação de identidades, tal como ela se apresenta na realidade da vida e, igualmente, a estrutura constitutiva do ser humano. Diferentemente da Antropologia Cultural que explora o homem em suas relações e produções, a Filosófica busca a essência, ou seja, trabalha com a possibilidade de explorar o que é a realidade que chamamos homem.

Para Edith Stein, uma antropologia alicerçada apenas no elemento natural não poderia mais ser sustentada, uma vez que as iniciativas dessa natureza não deram conta da questão da subjetividade<sup>1</sup>. Segundo a autora, não é possível adentrar à questão da essência humana sem levar em consideração tanto os aspectos da abertura do homem ao transcendente (dimensão teológica), quanto àquela de suas relações efetivas (dimensão educativa). Há entre a antropologia, fundada nas ciências do espírito, a teologia e a pedagogia, uma cumplicidade necessária e, essa interação é constituinte da antropologia filosófica levada a termo por Stein<sup>2</sup>. Em resposta à pergunta sobre a existência de uma Antropologia que possa contribuir na compreensão da individualidade, Edith Stein diz que<sup>3</sup>:

[...] a antropologia che - diversamente dalla storia e dalle scienze ad essa affini - è una scienza universale dello spirito, scienza dell'uomo considerato como persona spirituale, parte di un'ampia scienza dello spirito, che ha come oggetto la struttura di tutte le forme spirituali - comunità, Stato, lingua, diritto, ecc.

[...] a antropologia que - ao contrário da história e das ciências afins - é uma ciência universal do espírito, a ciência do homem considerado como pessoa espiritual, parte de uma ampla ciência do espírito, que tem por objeto a estrutura de todas as formas espirituais - comunidade, Estado, língua, lei etc.

Por Antropologia Filosófica, Edith Stein entende uma ciência das essências e da estrutura eidética do homem, da sua relação com os reinos da natureza (inorgânico, planta, animal) e com o princípio de cada coisa; origem metafísica da essência do ser físico, psíquico e espiritual do mundo; das forças e das potências que agem nele e sobre as quais age; das direções e das leis fundamentais do seu desenvolvimento biológico, psicológico, espiritual e social. Somente essa antropologia poderá dar a todas as ciências, que têm o homem como objeto, um fundamento consistente<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*, p. 581. Desde los puntos de vista que nos han permitido detectar el fracasso de la antropologia de la ciencia natural como fundamento de la pedagogia, a saber, su incapacidad tanto para comprender el hombre concreto como para proporcionarnos una jerarquia de nuestros objetivos, debemos plantearnos ahora la siguiente pregunta: ¿existe una antropologia que cumpla esos requisitos?

<sup>2</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*. p. 579.

<sup>3</sup> STEIN, Edith. *O problema da empatia*. p. 60.

<sup>4</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*, p. 588. De filosofía e teologia se compone el edificio de la metafísica cristiana, que diseña una imagen global del mundo real.

Una doutrina generale dell'essere non può limitarsi all'essere creato, ma deve prendere in considerazione la differenza tra l'essere creato e quello increato e il rapporto che intercorre tra essi. Quindi, sarebbe incompleta ed inadeguata, come fundamento della pedagogia, anche un'antropologia che non prendesse in considerazione il rapporto dell'essere umano con Dio (STEIN, 2000, p. 63).

Uma doutrina geral do ser não pode se limitar ao ser criado, mas deve levar em consideração a diferença entre o ser criado e o não criado e a relação que intercorre entre esses. Portanto, mesmo uma antropologia que não levasse em consideração a relação do ser humano com Deus seria incompleta e inadequada como fundamento da pedagogia (STEIN, 2000, p. 63).

Para Edith Stein, a Antropologia Filosófica<sup>5</sup> necessita, por sua vez, da integração com uma antropologia teológica. É da integração da Filosofia com a Teologia que se eleva o edifício da metafísica cristã, que delinea uma imagem global do mundo real. A grande construção desse edifício se encontra no sistema de Tomás de Aquino<sup>6</sup>. Nesse sistema, a Antropologia assume uma posição central, assim como o ser humano ocupa uma posição central no “cosmo”.

O ser humano é conforme expressa Vigone<sup>7</sup>: “um microcosmo que une em si todos os reinos do mundo criado” e, é contemporaneamente, “aberto ao mundo sobrenatural através da alma espiritual, podendo elevar-se até atingir os ápices da vida espiritual ou degradar-se”. Por isso, Vigone salientou que “na antropologia convergem todas as questões metafísicas, filosóficas e teológicas e, dela partem as estradas para diferentes direções”. Dessa forma, ela não abandona o patrimônio conceitual medieval; pelo contrário, busca elementos essenciais nessa tradição para proceder à análise do ser humano. Edith Stein, em sua opção antropológica não repete Tomás, antes, munida do vigor da fenomenologia, recompõe os traços constitutivos do homem à luz de uma sempre maior abrangência e abertura.

Edith Stein faz um processo inverso daquele utilizado por Tomás de Aquino nas *Questiones de Veritate*. Tomás de Aquino parte da verdade divina e termina com o conhecimento humano, Edith Stein, ao invés, parte da fenomenologia para chegar à ontologia. Sua produção leva o leitor para além do pensamento tomista quando afirma, com insistência, que todas as criaturas, e não somente o homem, são imagens de Deus: é esta a linguagem mais próxima a Santo Agostinho, de Nicolau de Cusa, de Santa Teresa D'Ávila e de São João da Cruz. O termo “microcosmo” é usado

<sup>5</sup> Mariana Bar Kusano afirma que: É preciso sublinhar que a antropologia filosófica de Edith Stein se move para além de si mesma na medida em que adentra ao terreno da fé e acolhe os conteúdos da Revelação e da mística. Dissertação de mestrado defendida em 2009 na PUC-SP disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/2136/1/Mariana%20Bar%20Kusano.pdf>. Acesso em março de 2021.

<sup>6</sup> Existe um ponto onde o pensamento de Edith Stein se contrapõe àquele de Tomás de Aquino. Enquanto Tomás dá ênfase à questão da factualidade, Stein realiza esforço para se aproximar da questão da essencialidade.

<sup>7</sup> VIGONE, Luciana. *Il pensiero filosofico di Edith Stein*. p. 72.

por Edith Stein no texto *La Struttura della Persona umana*, para indicar o ponto de chegada de sua pesquisa.

Stein aborda o conceito de individuação<sup>8</sup> do ser humano como organismo vivente, possuidor de uma específica estrutura pessoal. A análise do mundo natural é descrita nas suas estruturas essenciais segundo o método fenomenológico e concorda com as indicações de Tomás de Aquino dos níveis do cosmo, e estes, conectados assim como são, dão uma justificativa última de tipo metafísico que a fenomenologia clássica não havia considerado. As estruturas e as hierarquias das formas naturais, hierarquias conexas com o tema da criação admitida por Husserl, mesmo que não utilizada diretamente, permitem que ela reconheça os graus do ser.

Na *Estrutura da Pessoa Humana*, é apresentada a primeira ideia dos níveis que constituem o reino dos seres vivos e o ser humano como microcosmo, e estão sintetizados numa unidade vivente-animado-espiritual. A expressão “ser humano como microcosmo” tem sua origem no renascimento italiano com Marsilio Ficino e por Pico della Mirandola<sup>9</sup>.

A originalidade de Edith Stein consiste no sério exame das argumentações do pensamento medieval. Tomás de Aquino consente a Edith Stein entrar no território metafísico. A doutrina tomista acrescentou, para a filósofa, especificações interessantes acerca das dimensões do ser humano e do princípio de individuação, segundo o qual, a matéria deve ser considerada como fundamento do ser individual. Busca a solução desse problema no fato de que a matéria, como matéria extensa e como uma força vital. A alma faz do corpo um organismo.

Para a fenomenologia, a crise das ciências europeias e, em consequência a crise na compreensão do humano, situa-se não nos fundamentos teóricos, mas no fracasso das ciências na

---

<sup>8</sup>ANDREATA, Ocir de Paula. *A verdade do ser e o simbolismo da cruz na individuação em Edith Stein*. Caderno Teológico vol. 4, n. 1 2019. A individuação é o processo do devir do ser do sujeito humano, seu vir-a-ser no mundo-da-vida, que abrange a unidade do processo de desenvolvimento e estruturação da pessoa, num todo integrado das dimensões que o compõem como corpo, alma e espírito e cujo processo inexoravelmente encaminha seu ser para a consecução de seu fim e a realização de si mesmo. Este percurso inclui também a experiência religiosa, que acontece seja a partir de que tradição for conforme a espiritualidade própria da interioridade de cada sujeito humano.

<sup>9</sup> Sem dúvida, o que marca tamanho destaque na obra filosófica de Pico Della Mirandola e o configura, ainda hoje, como um dos maiores representantes do movimento cultural humanista da Renascença é sua preocupação com o humano e sua incansável busca pela unidade da verdade, não obstante, devido sua curta vida, não tenha conseguido erigir um pensamento maduro e sistemático. Ambas as questões são facilmente encontradas em um de seus mais famosos escritos intitulado originalmente como “Oratio” e redigido, provavelmente, entre o final de 1486 e o início de 1487. Salienta-se a importância da época em que Marsilio Ficino viveu, pois a Renascença apresenta um desabrochar da consciência da humanidade, da autonomia do homem. Com isso, há o destaque para as características fundamentais do ser humano em termos universais, sem o classificar de forma particular. Por conseguinte, ocorreu a ampliação de horizontes em relação à época medieval. Colocou-se, então, o problema duradouro da unidade e igualdade da natureza humana e do pluralismo antropológico.

compreensão do homem. A fenomenologia sustenta que a origem da crise é a convicção de que a verdade do mundo apenas se encontra no que é enunciável no sistema de proposições da ciência objetiva, ou seja, no objetivismo. Este põe de lado as questões decisivas para uma autêntica humanidade. Com isso, a ciência perde importância para a vida e o mundo. Do pensamento moderno, iniciado por Descartes se desprende uma imagem do humano que carrega as marcas de um dualismo e, acima de tudo, de uma ênfase a um processo de autossuficiência e autonomia, incompatíveis com a verdadeira imagem do homem.

A fenomenologia de Edmund Husserl, assumida por Stein, em sua particularidade, apresenta-se como uma instância teórica, que se situa dentro e fora da filosofia ocidental; o ponto de partida é a busca do significado das coisas mesmas, das práticas culturais que caracterizam o ser. Nesse compasso, para se chegar ao homem, como afirma Angela Ales Bello<sup>10</sup>, “[...] é necessário um trabalho de escavação, uma regressão na busca de um ‘território’ [...] que pode ser considerado um território especulativo. No curso de sua pesquisa filosófica, ele [Husserl] tem individuado esse território que nos permite entrar na complexidade do real no ser humano, na natureza e em Deus”. Para Edmund Husserl, não é possível tratar do sentido dessas questões sem antes nos perguntar quem é aquele que busca tal sentido. O homem não pode ser reduzido a um objeto racionalizado desprendido de todo seu universo constituinte.

É manifesto que nem todos os princípios da fenomenologia foram aceitos pelos pensadores contemporâneos que se utilizaram dela para suas pesquisas. O próprio Husserl faz alguns recuos, como se pode notar nos aportes que marcaram seus escritos a partir de 1913, com uma impositação idealista que explora a consciência transcendental, a qual constitui o significado das coisas, das ações e o sentido do mundo. “Nesta etapa, Edmund Husserl centra a análise fenomenológica sobre o sujeito como suporte do ato de consciência e instância constituinte do sentido do mundo<sup>11</sup>. [...] O ego transcendental age como suporte das vivências da consciência”. Stein, em sua concepção fenomenológica se afasta dessa tendência e insiste em recuperar a questão do humano sem tal recurso a uma pura transcendentalidade desvinculada da situação fática do homem. Stein se coloca contra todo tipo de idealismo.

Desse modo, a reflexão fenomenológica é, para Edith Stein, um método de pesquisa que pressupõe à luz de tudo quanto Edmund Husserl afirmou, um ir dentro das coisas, partindo de uma estável base de experiência, a qual constitui a fonte de todo o saber sobre os objetos; mas isso não significa afirmar, todavia, que existe apenas um único tipo de experiência e que essa experiência é a percepção dos sentidos, externos e internos, como afirmam os empiristas.

Para os fenomenólogos originais, a “experiência direta” é toda e qualquer ação de conhecimento em que o objeto se dá diretamente, de forma “originária”, ou seja, “corporalmente autopresente”. Existem muitas variantes de experiência na qual se dão os objetos individuais, como por exemplo, a experiência dos fatos psíquicos individuais do outro, a experiência estética, pela qual se dão as obras de arte. No entanto, a mais fundamental é aquela que se volta para a realidade do corpo vivo, que se firma como fundamental para a antropologia filosófica de Stein e, com isso, decisiva para a

---

<sup>10</sup> ALES BELLO, Angela- *Introdução à fenomenologia*. p. 37.

<sup>11</sup> HUSSERL, Edmund. *A ideia de fenomenologia*. p. 40.

composição de uma robusta concepção do ser humano. As principais características podem ser visualizadas como a seguir.

Edith Stein compõe, assim, sua Antropologia Filosófica indicando em *A estrutura da pessoa humana* quatro grandes instâncias para a composição da pessoa. Num primeiro momento sobressai a identidade do homem como corpo material, como ser vivo, ser animado e ser espiritual, como um microcosmo<sup>12</sup>. Em seguida argumenta que a constituição do homem se faz enquanto pessoa espiritual destacando que essa dimensão se efetiva tanto em sua posição social quanto individual e especificamente como ser histórico, comunitário e cultural<sup>13</sup>. Prossegue a autora indicando que o homem se constitui em sua abertura tanto para uma interioridade quanto para a exterioridade<sup>14</sup> e finaliza com a convicção de que o homem se efetiva enquanto buscador de Deus<sup>15</sup>.

Tais características compõem o homem e são dimensões necessárias para a expressão do especificamente humano e nelas, acima de tudo está o humano que vai constituir tanto o homem como a mulher.

### Centralidade do corpo na antropologia filosófica de Stein

Tornou-se uma necessidade no âmbito da antropologia a referência ao elemento *corpo/empatia*. Estas duas realidades se firmam como essenciais nas considerações de Stein e são elas que vão determinar o alcance do que se refere ao processo empático e à constituição do eu, elementos tão necessários para a recuperação da realidade afirmadora do humano em suas especificações homem/mulher. Desse modo, tanto a empatia quanto a subjetividade, são elementos decisivos para constituição do masculino e do feminino e, isso depende, essencialmente, do fato de ter a filósofa, de maneira original, indicado a particularidade e a centralidade do corpo com suas específicas características e manifestações.

A *noção de corpo vivo*, Leib, marca um distanciamento de Stein para com todos os demais fenomenólogos, inclusive, para com o mestre Husserl. A empatia, horizonte maior do trabalho de Stein, não pode prescindir de um aporte sobre a questão da corporeidade. Uma análise do que constitui a empatia não pode prescindir daquela do corpo, ou seja, não há empatia sem a apreciação do lugar ocupado pelo corpo. Olhar para o elemento empatia significa retirá-lo de seu lócus diário e apreciá-lo à luz de uma fenomenologia exigente que o compreende como “uma experiência da consciência alheia”.<sup>16</sup>

Esta particularidade se espraia como uma necessidade de ir além de apenas “se colocar no lugar de”, não se trata apenas de fazer um esforço para compreender de maneira racional o conjunto dos sentimentos, das ideias e desejos de outras pessoas, mas de desenvolver a consciência de outras experiências vividas. Esta questão se torna decisiva para os esforços, tão necessários, na compreensão da efetividade da mulher. Não é suficiente compreender racionalmente sua diferença, é preciso experimentar essa diferença.

A empatia, sob o signo dos trabalhos de Stein, é propulsora de toda e qualquer experiência de compreensão do mistério que constitui o

ser humano. É sabido que, nesse particular, o encontro que travamos com o outro nos obriga a uma identificação dele como ser de estrutura semelhante, mas marcado e definido por uma especial característica que o torna singularíssimo e portador de uma particularidade insubstituível. Todo o drama da antropologia estaria, portanto, circunscrito por essa desafiadora necessidade de se estabelecer a maneira pela qual nós podemos, então, conhecer o outro e, mais do que isso, como podemos nos compreender de modo recíproco.

Nenhum conhecimento que valorize a identidade do outro é suficientemente bem delineado, no contexto do pensamento de Stein, se não for dado ao processo empático, sua eficaz tarefa de apresentar, no desafio das relações intersubjetivas, um conhecimento efetivo que reconheça, como primeiro lugar, que as pessoas são portadoras de vivências próximas com afinidades entre si, mas que não podem ser neutralizadas e reduzidas, porque cada uma carrega uma específica significação dada sua particularidade no que se refere a suas obras singulares. O outro não pode ser reduzido ao que eu quero dele.

Sempre desde o contexto da fenomenologia, Stein nos vai mostrar que o “Eu” deve ser tomado sempre, a partir de um ambiente no qual tanto vive quanto percebe sua vivência. O “Eu” é o sujeito da experiência vivida e, como tal, não pode ser colocado em dúvida. No entanto, a relação de conhecimento não se reduz a esse “Eu” já que é significativa a igual intensidade que se desprende da vivência do que não sou eu, ou seja, do alheio que só pode ser colhida pela empatia. Toda essa dinâmica empática se constrói desde a noção central de corporeidade. Aqui reside uma particularidade de Stein: não existe apenas uma consciência isenta que é percebida, mas, uma consciência desde um corpo para outro corpo. Aqui reside o nó górdio da questão: como é possível analisar, sob a perspectiva fenomenológica, realidades que se especificam por serem exteriores? Como não falar abstratamente do outro? Stein deixa registrado<sup>17</sup>

Podríamos partir del fenómeno concreto completo, que tenemos ante nosotros em nuestro mundo de experiencia, del fenómeno de un individuo psicofísico que se distingue nitidamente de una cosa física. Éste no se da como cuerpo físico, sino como cuerpo vivo sentiente al que pertenece un yo, un yo que siente, piensa, padece, quiere, y cuyo cuerpo vivo nos está meramente incorporado a mi mundo fenomenal, sino que es el centro mismo de orientación de semejante mundo fenomenal; está frente a él y entabla relación conmigo. Y también podríamos investigar como se constituye em la conciencia todo aquello que nos aparece más allá del mero cuerpo físico dado em la Percepción externa.

Poderíamos partir do fenômeno concreto completo, que temos diante de nós no mundo da nossa experiência, do fenômeno de um indivíduo psicofísico que se distingue claramente de uma coisa física. Este não se dá como um corpo físico, mas como um corpo vivente senciente ao qual pertence um eu, um eu que sente, pensa, sofre, quer, e cujo corpo vivo é meramente incorporado ao meu mundo fenomênico, e é o próprio centro de orientação de tal mundo fenomenal; está na frente dele e estabelece uma relação comigo. E, também, poderíamos investigar

<sup>12</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*, p. 591.

<sup>13</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*, p. 592.

<sup>14</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*, p. 594.

<sup>15</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*, p. 594.

<sup>16</sup> STEIN, Edith, *Sobre o problema da empatia*, p. 24.

<sup>17</sup> STEIN, Edit. *Sobre el problema de la empatía*, p. 81.

como se constitui na nossa consciência tudo o que se nos apresenta além do mero corpo físico dado na percepção externa.

Desse modo, a vivência empática, essência da antropologia filosófica de Stein é decisiva para a compreensão do ser humano, nossa consciência, no que se refere ao homem, não se debruça sobre reduzidos “corpos físicos” (Körper), inanimados em sua constituição tal como uma pedra, mas sobre “corpos vivos” (Leib) possuidores de vontade e marcados por vivências de toda natureza. O ser humano se apresenta desde e com seu corpo. Mas que corpo é esse pelo qual nos apresentamos no mundo? A distinção entre Körper e Leib em Edith Stein é fundamental. Se por um lado, Körper se refere especificamente aos aspectos materiais e físicos do corpo, com destaque para sua inanição, Leib prefigura o corpo como algo vivo que recebe sua animação de uma “alma” como especificidade de toda uma constituição envolvendo a tessitura psicológica da consciência.

Na medida em que vai afirmando a presencialidade do corpo, Stein reconhece que a vivência empática não poderia ser efetivada se o corpo estivesse ausente. A mediação do corpo se torna, assim, necessária para a efetivação dos atos empáticos. Edith Stein mostra que a única possibilidade de oportunizar ao sujeito um encontro efetivo com o chamado mundo das coisas e com o mundo de outros sujeitos, só pode ser eficiente por meio da empatia. Essa convicção não pode ser somente uma enunciação racional. Mais do que isso é preciso ter claro de que essa aproximação só se efetiva pela empatia que demanda a presença do corpo que não pode ser restrita apenas ao elemento material mas, principalmente ao corpo próprio, constituído pela sensibilidade.

O corpo vivo se distancia, assim, de qualquer outro corpo reduzido à pura materialidade. É no ato de sensibilidade que o corpo se compõe numa dimensão de consciência. O saber-se e sentir-se vivo não pode prescindir das sensações e elas se efetivam como elementos decisivos e necessários para que, juntamente com os imperativos do julgamento, do desejo e das percepções se efetive a consciência. O corpo vivo é, assim, o local onde se firmam as manifestações da alma. É nele que se constitui o palco dos eventos psíquicos.

#### **A alma e o espírito na antropologia filosófica de Stein**

O corpo vivo se firma no fato de que além de possuir características sensoriais externas, que podem ser apreendidas pelas consciências, eles mesmos são detentores da capacidade de sentir. Stein postula como primeira característica do corpo vivenciado a vinculação deste a uma consciência individual, a um sujeito. Em sua obra de doutoramento, Stein se volta para a caracterização de um indivíduo que possui uma essência que se firma não só na dimensão corpórea-psíquica, mas, igualmente, naquela de apreciação espiritual.

O indivíduo, na antropologia filosófica de Stein, é concebido como um objeto unitário, no qual a unidade da consciência de um eu e um corpo físico se conjugam indissolavelmente. A este respeito a autora enfatiza<sup>18</sup>:

De esta manera ya el más sencillos análisis de la experiencia cotidiana nos revela algo de la estructura del cosmos y de la peculiar posición que ocupa el hombre el el mismo. Se nos concede una primera Percepción de

los distintos estádios del reino del ser y vemos al hombre como un microcosmos em el que se unen todos esos estádios: es cosa material, ser vivo, ser animado, persona espiritual.

Para que se possa chegar ao alcance da dimensão espiritual é preciso percorrer, antes, a questão da constituição da alma ou psique. Em sua reflexão Edith Stein concebe, ademais, a vontade como outra característica peculiar dos corpos vivos. Para ela (2005, p. 796), a dupla natureza do sujeito, corpórea e espiritual possibilita interromper as relações de determinações causais da psique, nas quais o sujeito encontra-se passivo, permitindo que ele intervenha na sua dinâmica psíquica (CARDOSO; MASSIMI, 2014, p. 120), bem como permite ao sujeito atuar e modificar o mundo exterior criando coisas a partir das coisas existentes, precisamente porque esse sujeito possui o seu corpo como órgão de sua vontade. Soma-se a isso a convicção definidora dos corpos próprios/vivenciados, como sua possibilidade de expressão da vida interior, a qual se denomina expressividade.

Essa capacidade, embora seja encontrada em outros seres conscientes além do homem, se constitui como fundamental para compreender a subjetividade da pessoa humana, a qual não é encerrada em si, monódica ou se constitui como uma vida interior pura, todavia é do interior ao exterior; imprime no corpo o seu traço. Há, nesse sentido, segundo Cardoso e Massini (2014, p. 123), uma conexão entre a vida interior e aquilo que é expresso no corpo, sendo que essa correlação se revela como uma instância fixa que possibilita a relação da expressão corporal com o acontecimento interior, a menos que, por vontade própria, o sujeito deseje manipular suas expressões a fim de não transparecer o que se encontra em sua vida interior.

O corpo, outrossim, é para Edith Stein, mediador entre a pessoa e o mundo espacial; por meio dele, ela recebe as impressões exteriores e firma a possibilidade de realizar algo sobre o mundo, isto é, de transformá-lo como nos casos de construções como a literatura, a arte e todas as manifestações chamadas de espirituais. Esta é uma tarefa executada pela alma ou psique. O mundo inteiro no qual o indivíduo atua leva a marca de sua personalidade: de seus traços típicos e de sua peculiaridade pessoal.

No que se refere à psique Edith Stein diferencia as noções de estrutura psíquica e de consciência pura: enquanto por psique a filósofa designa o que se compreende por “alma”, realidade que, unida ao corpo vivo, constitui um sujeito psicofísico, por consciência pura compreende o “lugar” de origem das vivências do sujeito. Ademais, ao utilizar a expressão “interior” para referir-se à vida anímica ou espiritual da pessoa, Stein objetiva contrapô-la à externalidade do corpo, o que não significa dizer que a vida interior se localiza espacialmente dentro do corpo, haja vista que “a vida do “eu” é não espacial por excelência, algo ao qual não se possa assinalar nenhum lugar determinado.

Para Stein<sup>19</sup> A pessoa se define como unidade de corpo vivo e de alma, mas não de corpo vivo e de consciência, fazendo sentido somente tratar de qualidades psíquicas e não de qualidades da consciência. Por conseguinte, a estrutura psíquica faz parte da realidade é um ente no interior do mundo e, por isso, está submetida a leis de causalidade, possui qualidades próprias desejo, prazer, desprazer, disposição de ânimo — e pode modificar-se de acordo com as circunstâncias reais nas quais está inserida.

<sup>18</sup> STEIN, Edith, *Estructura de la persona humana*; p. 592 - 593.

<sup>19</sup> STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. pp. 798 -799.

Assim sendo, a psique se distingue da consciência, porque aquela possui leis causais enquanto nas vivências da consciência não se pode falar de causalidade, todavia de motivação. Posto isso, embora se possa falar do fluxo da consciência como uma realidade de fases, em que cada uma pressupõe a anterior e possibilita as que virão, não é possível prever com exatidão as vivências de uma pessoa. Além disso, conforme afirma Ales Bello<sup>20</sup>, a consciência para a fenomenologia, na qual se insere o pensamento de Edith Stein, não é uma reflexão que é uma atividade específica da consciência, mas um estar cômico da vivência experimentada, portanto, enquanto a consciência é registro do que se está vivenciando, a psique, é o “lugar” onde se experimenta sensações, imagens, sonhos.

Os estados da psique, não são somente estados reais, “mas são estados vivenciados do “eu” e as vivências por meio das quais se manifestam podem ser consideradas como vivências puras, sem ter em conta o que são no contexto do mundo real”.<sup>21</sup> Pode-se perceber, por conseguinte, que embora sejam distintas há uma conexão entre psique e consciência, haja vista que os estados psíquicos são vivenciados pelo eu, melhor dizendo, cada emoção é sentida como própria, uma vez que a atividade espiritual ilumina o que o indivíduo está vivenciando.

Portanto<sup>22</sup>, “a vida psíquica atual está formada pela sensibilidade e espiritualidade que se encontram em conexão com a realidade”. A psique possui qualidades que também possuem aspectos sensíveis tais como visão, audição, tato e inteligência, arrebatamento, vontade, bem como é disposicional, de modo que conforme ocorre com o corpo vivo, a psique se desenvolve de acordo com a motivação que recebe do mundo circundante, isto é, suas qualidades podem ser adquiridas, bem como se modificar ao longo do tempo.

Ademais, como afirmam Cardoso e Massimi<sup>23</sup> as qualidades psíquicas, sejam elas sensíveis ou espirituais são formadas pelos estados psíquicos tais como, cansaço, saúde, enfermidade, ânimo que, por sua vez, fornecem a condição para sua manifestação, assim como, para Stein o desenvolvimento da psique e de suas qualidades não se deve apenas ao estímulo do ambiente externo, mas é o movimento de uma disposição original. O que confere, para a filósofa, à vida interior a característica de ser pessoal é o caráter, haja vista que se designa pessoa<sup>24</sup> “aquele nível de realidade composta por qualidades estáveis que remetem ao caráter ou personalidade, qualidades psíquicas idiossincráticas definidoras da pessoa.”

Por conseguinte, o caráter é formado a partir das qualidades psíquicas em constante desenvolvimento, de modo que ele é o resultado da vida afetiva, ou dos sentimentos que podem atuar sobre a vontade ou comportamento da pessoa. Em todo ato em que

se valora algo, em que se sente um impulso e esse se transforma em vontade e em ação, há uma atividade do “eu”, que provoca uma alteração nos sentimentos e estados vitais da pessoa, possibilitando a geração de mudanças no caráter.

Também o entendimento e a sensibilidade são determinantes na evolução do caráter; aquele para captar os estados das coisas ou para ter ideias claras das consequências das ações a fim de tomar decisões corretas, e está, para discernir os valores do mundo perceptível e desenvolver sua receptividade para tais valores. Assim sendo, cabe ao indivíduo o protagonismo sobre o desenvolvimento do seu caráter, dado que a pessoa é livre para exercitar sua sensibilidade e seu entendimento e fazer com que surjam nela qualidades permanentes que a disponham a atos virtuosos.

Dentre as estruturas da psique, o caráter é o que confere a singularidade ao sujeito, isto é, possui a peculiaridade de ser único para cada pessoa, pois<sup>25</sup> “[...] apesar de que uma disposição sensível possa ser eventualmente igual, o estado perceptivo das pessoas é sempre um estado individualmente diverso”.

Ademais, a disposição original do caráter que lhe confere uma unidade interna singular é compreendida por Stein como a essência da pessoa, a qual não se desenvolve, mas que vai se mostrando com o desenvolvimento do caráter, segundo as circunstâncias favoráveis e desfavoráveis. O caráter, portanto, se desenvolve a partir de um núcleo pessoal anímico e se manifesta, se expressa no corpo, indicando assim o movimento próprio da vida espiritual<sup>26</sup>, contudo a vida do “eu”, como postula Edith Stein, não está voltada apenas para o mundo exterior, mas o eu, autor das vivências, possui a capacidade de abrigar em si o mesmo mundo, fornecendo-lhe uma morada no interior de sua alma, como evidenciado<sup>27</sup>.

A alma é o centro da pessoa, é o ‘lugar’ em que ela é em si mesma. Pode haver espíritos pessoais que vivam puramente para o exterior. A peculiaridade dos dotados de alma, como somos nós os seres humanos, é que estes podem estar consigo mesmos.

Para a filósofa, existe um princípio vital nas plantas, sua alma vegetativa, o que garante que elas sejam mais do que simples matéria física, mas crescem, desenvolvem-se e se reproduzem, em uma interioridade característica dos animais alma anímica, dado que estes são sensitivos. Assim<sup>28</sup>, “[...] o organismo da planta tem como sentido fundamental de seu processo tornar-se o que está prescrito já na semente, e para isso, sua vida se empenha unicamente em organizar a matéria disponível, descartando o que é indesejável [...]”, bem como ela (a planta) “não está aberta para dentro, não existe para si mesma, não vive em si mesma”. Com relação aos animais, ocorre uma superação do nível meramente orgânico, de modo que são capazes de expressar o que se passa em seu interior, possuem maior liberdade de movimento, são instintivos, sensitivos e possuem uma abertura para dentro de si mesmos, em outras palavras, eles detêm uma vida interior, a qual é característica fundamental dos seres ditos sensitivos.

<sup>20</sup> ALES BELLO, Angela. *Pessoa e Comunidade: comentários psicológicos e ciências do Espírito de Edith Stein*. p.28.

<sup>21</sup> STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. p. 799.

<sup>22</sup> STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*, p. 800.

<sup>23</sup> CARDOSO e MASSINI. *Fundamentação da psicologia enquanto ciência da subjetividade: contribuições da fenomenologia de Edith Stein*. p. 127.

<sup>24</sup> CARDOSO e MASSINI. *Fundamentação da psicologia enquanto ciência da subjetividade: contribuições da fenomenologia de Edith Stein*. p. 128.

<sup>25</sup> STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. p. 809.

<sup>26</sup> KUSANO, M. B. *A antropologia filosófica de Edith Stein*. p. 132.

<sup>27</sup> STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. p. 811.

<sup>28</sup> KUSANO, M. B. *A antropologia filosófica de Edith Stein*. p. 81.

Ademais, conforme afirma Stein<sup>29</sup>, a partir das expressões dos animais é possível saber qual é o seu estado interior, tristeza, alegria, fúria, medo, emoções. Por conseguinte, a filósofa postula que o homem possui assim como as plantas um princípio vital que ordena o seu desenvolvimento e partilha com os animais a dimensão interior, todavia de maneira singular, haja vista que o homem possui vivências internas de primeira pessoa, isto é, pode dizer de si mesmo “eu”. A alma humana, embora vinculada ao corpo, possui capacidades espirituais não acatadas de maneira imediata e inseparável ao corpo; portanto, é capaz de sair de si mesma, penetrar no interior das coisas, dos outros sujeitos e pode voltar-se sobre si mesma reconhecendo sua própria interioridade. Esta, portanto, é a peculiaridade que distingue a pessoa humana dos outros seres da natureza: sua alma espiritual. Assim se expressa a autora<sup>30</sup>:

Ahora bien vemos al hombre no solamente como hombre, no solamente con lo que tiene en común con otros hombres, y tampoco solamente en el lugar que ocupa en el orden social: con más o menos fuerza, ya en el primer encuentro nos sale al paso frecuentemente lo que él mismo es como persona individual, como es él, cuál es su naturaleza y su carácter. Nos sale al paso en los rasgos de su rostro, en su mirada y sus gestos, en el timbre de su voz, en muchas cosas de las que no somos en absoluto conscientes. Y al salirnos al paso nos afecta interiormente, nos repele o nos atrae. Los hombres son personas *con un modo de ser propio e individual*. La Concepción que tienen unos de otros no es meramente intelectual, sino que en la mayor parte de los casos se da una relación interna más o menos profunda, o al menos hay algo de ello en todo encuentro vivo.

Agora, vemos o homem não apenas como homem, não apenas como o que ele tem em comum com os outros homens, e não somente pelo lugar que ocupa na ordem social: com mais ou menos força, já no primeiro encontro compreendemos como ele é, que é uma pessoa individual, qual é a sua natureza e seu caráter. Ficamos impressionados com os traços de seu rosto, com seu olhar e com seus gestos, com o timbre de sua voz, e com muitas outras coisas das quais não temos consciência. E a nos encontramos com ele isso nos afeta internamente, nos repele ou nos atrai. Os homens são pessoas com um modo próprio e individual de ser. A concepção que eles têm um do outro não é meramente intelectual, mas na maioria dos casos há uma relação interna mais ou menos profunda, ou pelo menos há algo dela em cada encontro vivo.

O Espírito é perceptível ao analisar as dimensões corpórea e psíquica da pessoa humana, que brota do pensamento steiniano. A noção de espírito como uma dimensão imaterial e não simplesmente psíquica, que diz respeito às operações da consciência - operações cognitivas e os sentimentos intencionais no nível dos valores, isto é, de tudo o que se relaciona à vida do eu, núcleo profundo da pessoa. Conforme afirma Alfieri<sup>31</sup>, as

<sup>29</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*. p. 610.

<sup>30</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*; pag. 593.

<sup>31</sup> ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein*. p. 68.

operações cognitivas dizem respeito ao conhecimento intelectual, qualidade do espírito que permite ao homem fazer ciência, filosofia e arte, assim como possuir uma religião; enquanto que a atividade valorativa, a operação no âmbito dos valores toma da consciência aquilo pelo qual sente atração ou repulsa -, não é, a rigor, um ato cognitivo, haja vista que os valores não são obtidos por meio de raciocínios, mas são constatados pela análise da natureza e vida social, embora sejam identificados e reconhecidos, o que envolve cognição.

Assim sendo, a vontade, qualidade da alma que possibilita ao homem empenha-se em favor dos valores estimados para além de qualquer determinação de uma disposição original, embora possa estar limitada por uma deficiência psíquica ou física é compreendida pela filósofa como um fator espiritual determinante na estrutura da alma, dado que está enraizada no “eu” mesmo que<sup>32</sup> “[...] é o que se empenha a si mesmo na realização de algum valor”. Por conseguinte, o ser pessoal possui como específico a possibilidade de, ao contrário dos animais que sentem desejo e repulsa e estes determinam suas reações, autodeterminar-se. Posto isso, a liberdade é um constituinte irrenunciável da pessoa<sup>33</sup>. “[...] o homem não está entregue ao jogo dos estímulos e das respostas, mas pode fazer-lhes frente, pode vetar o que entra nele”.

Assim como os animais, o ser humano possui reações no campo do instinto e da emoção, as quais estão ligadas apenas ao seu aspecto psíquico, porém ele é capaz dos atos espirituais, que envolvem pensamento, razão, intelecção e valoração. Nesse sentido, haja vista que<sup>34</sup> “[...] tanto os atos cognitivos como os atos valorativos operam como objetos (unidades de sentido que se apresentam à consciência)”, é possível. Perceber que em ambos os atos é a consciência intencional do homem que apreende um correlato objetivo. Ademais, essa capacidade humana de empenhar-se na direção de valores estimados, essa força de vontade se fundamenta numa energia de “auto plasmação”, que diversa da liberdade de modelar-se possuída pelo caráter, não está limitada por uma disposição original, dado que está enraizada no “eu mesmo”.

Por fim, a definição de sujeito espiritual que perpassa todos os escritos de Edith Stein afirma que: o sujeito é<sup>35</sup> “[...] um eu em cujos atos se constitui um mundo de objetos e que cria objetos em virtude de sua vontade”. Destarte, os atos espirituais nos quais se manifesta o “eu” estão relacionados uns com os outros por uma cadeia de motivação, uma conexão de sentido que se constitui como algo totalmente diverso das relações causais do mundo natural, ou a causalidade psíquica, a qual possui certa passividade com relação ao ambiente em que se encontra inserida a alma. Assim o espírito é regido pela<sup>36</sup> “capacidade intelectual e voluntária de controle”, isto é, dado que o “eu” é constituído de corpo e alma, ele é afetado pelo ambiente externo pois há um vínculo, todavia, cabe a ele, indivíduo espiritual motivado, a escolha sobre o modo como fará frente ao que lhe é imposto de fora.

<sup>32</sup> STEIN, Edith. *Introducción a la filosofía*. p. 812.

<sup>33</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*. p. 649.

<sup>34</sup> ALFIERI, F. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein*. p. 69.

<sup>35</sup> STEIN, Edith. *Contribuciones a la fundamentación filosófica de la psicología y de las ciencias del espíritu*. p. 179.

<sup>36</sup> KUSANO, M. B. *A antropologia filosófica de Edith Stein*. p. 87.

O modo específico como Edith Stein desenvolve sua antropologia filosófica à luz da fenomenologia de Husserl, faz notar a grande e insubstituível característica do homem como portador da essência de ser pessoa. Cada um de nós, possuidor de um corpo material que se prolonga em corpo vivo senciante, se abre a uma dimensão espiritual pois se volta não somente em direção a um eu interior como também, a um eu exterior a um alto como registrado:<sup>37</sup>

En todo lo que el hombre experimenta se percibe también a sí mismo. La experiencia que tiene de sí mismo es por completo distinta de la que tiene de todo lo demás. La Percepción externa des proprio cuerpo no es el puente hacia la experiencia del propio yo. El cuerpo también se percibe por fuera, per esta no es la experiencia fundamental, y se funde con la Percepción desde dentro, con la que noto la corporalidad y a mí en ella. Mediante esa Percepción soy consciente de mí mismo, no meramente de la corporalidad, sino de todo el yo corporal-anímico-espiritual. La existencia del hombre está abierta hacia dentro, es una existencia abierta para sí misma, pero precisamente por eso está también abierta hacia fuera y es una existencia abierta que puede recibir en sí un mundo.

É compreendendo o humano como resumo dessas particularidades que se constroem desde o corpo alma e espírito que, finalmente Edith Stein, salienta a derradeira característica do homem, aquilo que o dispõe a uma transcendência que faz dele, também um buscador de Deus. Esta dimensão não é certamente, para a filósofa um apêndice indispensável, mas uma condição necessária como recordado<sup>38</sup>:

Tanto em su interior como en el mundo externo, el hombre halla indícios de algo que está por encima de él y de todo lo demás, y de lo que él y todo lo demás dependen. La pregunta acerca de esse ser, la búsqueda de Dios, pertenece al ser del hombre. Investigar hasta donde puede llegar en esta búsqueda con sus médios naturales es todavía tarea de la filosofía, una tarea en que la antropología y la la teoría del conocimiento se encuentra. Su solución habrá de llevarnos a señalar los limites del conocimiento natural.

O caminho percorrido nesta segunda sessão buscou mostrar de que modo Edith Stein se apresenta como inovadora no entendimento da pessoa humana. Não seria possível entender o valor do humano especificado em homem e mulher sem ter a clareza necessária da estrutura que determina a particularidade de cada ser humano. A Antropologia filosófica desenvolvida por Stein, recoloca o problema do homem ao indicar que cada identidade se efetiva numa dimensão corporal afirmando-se como matéria viva, como alma e como espírito. Assim, Stein se projeta para além de uma insistente dicotomia que se prolonga desde a filosofia platônica e atinge seu auge no dualismo cartesiano que orientou a compreensão do homem no mundo moderno.

Desde a Antropologia Filosófica de Stein se pode recolher, como consequência, que o corpo vivo a alma e o espírito, se apresentam no humano para particularizar-se em homem e mulher. Neste sentido é desmerecida e totalmente insustentável uma antropologia que coloque o corpo de um como superior ao corpo do outro, a

psiquê de um como mais desenvolvida que aquela do outro, o espiritual de um como mais fecundo que o de outro. Homem e mulher em sua condição humana, partilham a grandeza de ser pessoa e isso implica em reconhecer-se como ser livre e espiritual. Que dizer do eu homem e do eu mulher senão que, na mesma intensidade, eles possuem a capacidade de dizer de si mesmo “Eu” e que significa essa possibilidade? Stein afirma que o humano é<sup>39</sup>:

É es alguien que disse de si mismo yo. [...] Quando miro a un hombre a los ojos su mirada me responde. Me deja penetrar em su interior, o bien me rechaza. Es señor de su alma, y pude abrir y cerrar sus puertas. Puede salir de sí mismo y entrar en las cosas. Cuando dos hombres se miran, están frente a frente yn yo y otro yo. Puede tratarse de un encuentro a la puerta o de un encuentro en el interior. Si se trata de un encuentro en el interior, el otro yo es un tú. La mirada del hombre habla. Un yo dueño de sí mismo y despierto me mira desde esos ojos. Solemos decir también: una persona libre y espiritual. Ser persona quiere decir ser libre y espiritual.

A mulher, em sua dignidade é um ser livre e espiritual. No capítulo seguinte adentraremos em algumas particularidades salientadas por Stein no processo de sua formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que permite a Edith Stein olhar o homem/mulher pela faceta da Antropologia, é o que a autora considera nomeadamente humano. Ainda assim, a Antropologia que lhe interessa é muito mais uma ciência voltada ao espiritual, ao ser considerado como pessoa espiritual. Uma Antropologia Filosófica amparada em elementos que estão além do apenas natural, fundamentada na integração das ciências da teologia, da pedagogia e do espírito.

Edith Stein entende essa Antropologia Filosófica como a ciência das essências e da estrutura eidética, intuitiva do ser humano, considerado pessoa espiritual em sua relação com os diversos reinos naturais: animal, vegetal, inorgânico e com o princípio das coisas.

A que se perceber que a inter-relação das forças e potências existentes na essência do ser físico, agem como leis fundamentais em seu desenvolvimento, seja social, espiritual, biológico ou psicológico, objetivando fundamentos consistentes.

Para a autora, a Antropologia Filosófica precisa, para que se torne completa, da integração com a Antropologia Teológica, para embasar a relação ser humano/ Divino, que edifica a metafísica cristã a ponto de delinear uma representação plena do universo real.

Para se entender, existem duas realidades essenciais para a realidade afirmadora do ser: Corpo e Empatia. Elementos decisivos para a constituição do masculino/feminino, que indicam a peculiaridade e convergência de cada um com suas especificidades e manifestações. “Ir além”, “colocar-se no lugar do outro” com base na consciência de outras experiências vividas, desenvolvida de forma a compreender e valorizar a identidade do outro, faz parte do processo empático.

Nesse processo, homem e mulher são valorizados a partir das particularidades e grandezas de suas condições intrínsecas a seus gêneros, não como sendo um superior ao outro, mas sim na

<sup>37</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*; p. 594.

<sup>38</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*; p. 594.

<sup>39</sup> STEIN, Edith. *Estructura de la persona humana*; p. 648.

complementação de suas possibilidades, vontades e desejos. Ambos possuem a capacidade intitular seu próprio “EU”, dignificando a liberdade e a espiritualidade.

A sapiência de que essa consciência e compreensão do ser humano, com os outros reinos distintos e com divindade espiritual, no que se refere a dignidade do homem no desenvolvimento empático, é a essência da Antropologia Filosófica de Edith Stein.

## REFERÊNCIAS

### OBRAS DE EDITH STEIN

1. STEIN, Edith. *Escritos autobiográficos y Cartas*. Obras Completas. Vol. I. El Carmen – Espiritualidad – Monte Carmelo. Vitoria, Madrid, Burgos. 2002.
2. STEIN, Edith. *Escritos filosóficos – etapa fenomenológica*. Obras Completas. Vol. II. El Carmen – Espiritualidad – Monte Carmelo. Vitoria, Madrid, Burgos. 2002.
3. STEIN, Edith. *Escritos filosóficos – Etapa de pensamiento cristiano*. Obras Completas. Vol. III. El Carmen – Espiritualidad – Monte Carmelo. Vitoria, Madrid, Burgos. 2002.
4. STEIN, Edith. *Escritos antropológicos y pedagógicos*. Vol. IV. El Carmen – Espiritualidad – Monte Carmelo. Vitoria, Madrid, Burgos. 2002.
5. STEIN, Edith. *Escritos espirituales*. Vol. V. El Carmen – Espiritualidad – Monte Carmelo. Vitoria, Madrid, Burgos. 2002.

### OBRAS AVULSAS DE EDITH STEIN

1. STEIN, Edith. *Probleme der neuren Madchen Bildung*. In: ESGA: 13, p. 167. Problemas da formação feminina.
2. STEIN, Edith. *Introduzione alla filosofia*. Roma: Città Nuova, 1988.
3. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
4. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Espiritualidad, 1998.
5. STEIN, Edith. *On Problem of Empathy*. Trad. Waltraut Stein. Washington: ICS Publications, 2002.

### OUTRAS OBRAS

1. ALES BELLO, Ângela e BREZZI, Francesca (a cura di). *Il filo(sofare) di Arianna. Percorsi del pensiero del Novecento*. Milano: Associazione Culturale Mimesis, 2001.
2. ALFIERI, Francesco. *Pessoa humana e singularidade em Edith Stein: uma nova fundação da antropologia filosófica*. Organização e tradução de Cléo Tricarico. São Paulo: Perspectiva, 2014.
3. CARDOSO, Carolina de Resende Damas; MASSIMI, Marina. *Fundamentação da psicologia enquanto ciência da subjetividade: contribuições da fenomenologia de Edith Stein*. In *Edith Stein e a Psicologia: teoria e pesquisa*. MAHFOUD, Miguel; MASSIMI, Marina (Org.). Belo Horizonte: Artesã, 2013.
4. Hursel, Edmund. *A Ideia da Fenomenologia*, Lisboa: Edições 70; 1986.
5. Hursel, Edmund. *A Ideia da Fenomenologia*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

6. KUSANO, Mariana Bar. *A antropologia filosófica de Edith Stein: entre Deus e a filosofia*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.
7. VIGONE, Luciana. *Il pensiero filosofico di Edith Stein*. Roma: Città Nuova Editrice, 1973.
8. STEIN, Edith. *Probleme der neuren Madchen Bildung*. In: ESGA: 13, p. 167. Problemas da formação feminina.
9. STEIN, Edith. *Introduzione alla filosofia*. Roma: Città Nuova, 1988.
10. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
11. STEIN, Edith. *La estructura de la persona humana*. Madrid: Espiritualidad, 1998.
12. STEIN, Edith. *On Problem of Empathy*. Trad. Waltraut Stein. Washington: ICS Publications, 2002.